



Bill Lundberg



A sintaxe da ilusão*

Valérie Cassel Oliver

Como posicionar a obra de Bill Lundberg? Pioneiro no campo das instalações contemporâneas de filme e vídeo, Lundberg se engajou em investigações estéticas que pré-datam e pressagiam aquelas realizadas por alguns de seus mais notáveis contemporâneos, entre os quais se incluem Gary Hill, Bill Viola e Tony Oursler. Por mais de 30 anos, Lundberg tem integrado os aspectos formais da pintura, da arte da *performance* e do cinema para tratar de questões sobre a condição humana. Para compreender as inestimáveis contribuições desse artista pioneiro, os espectadores devem antes “experenciá-la” sua presença ilusória. Lundberg é um mago do coração humano. Percorrendo essa mostra, um pequeno labirinto da carreira de Lundberg, o visitante é imediatamente seduzido pelas criações do artista, assim como por sua habilidade de atrair o espectador para dentro do espelho da vida. As instalações de filme e vídeo de Lundberg lançam sinais ao espectador. Emergindo da escuridão, seus feixes de luz nos atraem para um palco mágico, uma esfera ilusória em que as aparições se tornam atores cujas narrativas cuidadosamente concebidas servem para tornar a condição humana transparente. As aparições que surgem no palco ilusório de Lundberg são como os espectadores – homens, mulheres e crianças – mas que parecem estar presos dentro de um “globo de neve” sacudido. Espiando-os atentamente dentro de seus mundos construídos, acabamos entendendo esses atores como as *dramatis personae*, ou seja, o elenco por trás da proverbial mensagem contida dentro de uma garrafa. Suas existências evocam um senso aguçado de consciência, tornando-nos como espectadores autoconscientes e cientes de nossa própria fragilidade. Contudo, é somente através dos olhos e da perspectiva de Lundberg que temos o privilégio de ingressar nesse novo estado de consciência. Suspensos no espaço – um nadador flutuando numa piscina retangular ou pessoas miniaturizadas gesticulando num copo d’água – os personagens que vivem dentro da moldura do vídeo são incapazes de ver o que nós vemos: a consciência por trás do gesto, a emoção por baixo da ação, a alma em espasmos de catarse. Com sua ênfase na imagem como meio condutor emotivo da linguagem e do comportamento, Lundberg conecta a audiência com seu mundo ilusório, através de um momento fragmentado no tempo. As narrativas não lineares, sejam verbalizadas sejam por meio de gestos, tornam-se a ponte para o mundo externo, artimanha seminal que nos ajuda a perceber nossa própria humanidade. É a compreensão individual e coletiva do espectador, relativa à linguagem de cada personagem, que permite a Lundberg mediar com habilidade nossa percepção da obra, como psicossocial. O que nós, na qualidade de espectadores, podemos imaginar – poder preencher as lacunas das cenas dos roteiros de Lundberg – desperta nossas próprias histórias e experiências. A ressonância entre suas imagens e nossas próprias realidades, portanto, fornece a Lundberg o poder, como artista, de remover o superficial e apresentar-nos a essência de nosso ser.

* Trecho do ensaio publicado durante a exposição A sintaxe da ilusão, no Museu de Arte Contemporânea de Houston, EUA, entre dezembro de 2001 e março de 2002. (Tradução Mario Mieli)

Valérie Cassel Oliver (Museu de Arte Contemporânea de Houston, Texas, EUA) é curadora sênior do Museu de Arte Contemporânea de Houston. Foi diretora do Programa Artista Visitante do Instituto de Arte de Chicago e tem publicado extensivamente sobre arte contemporânea. vcassel@camh.org











Guests (Convidados), 2009

Páginas 1-3

O vídeo foi gravado durante a noite. As pessoas chegam a uma porta, batem, são recebidas por uma moça e entram. Alguns dos visitantes estão formalmente vestidos, outros estão mais casuais. Chegando à porta, o seu comportamento varia entre impaciência, desconfiança e antecipação. Nenhum dos “convidados” fala. Há apenas o som deles batendo na porta e da porta se abrindo e fechando. A projeção de vídeo foi calculada precisamente para se encaixar num painel verticalmente situado solto e em pé (ortogonal ao piso) no centro de uma galeria. O lado que recebe a projeção do vídeo do painel é pintado de branco e o lado oposto pintado de negro. O projetor é colocado 20 metros a partir do painel e montado no teto.

Stolen Kisses (Beijos Roubados), 2008

Páginas 4-5

Uma camisa branca é suspensa em um cabide na galeria a cerca da altura do ombro. As mãos de uma mulher aparecem abraçando um corpo. Essas mãos sensuais acariciam o corpo com ardor e paixão. O único som é das mãos da mulher que se deslocam sobre a camisa.

Passage (Passagem), 2004

Páginas 6-8

Filmado no Rio de Janeiro na escada de uma passagem subterrânea da cidade, em vários dias a fim de obter a forma final dos sete minutos. Durante a edição retirei todo o som original (cacafonia da cidade). E numa nova trilha sonora recriei obsessivamente cada individual passo de pessoa a pessoa que aparece no vídeo final. Portanto, quando a escada aparece vazia o que existe é silêncio. É como se não existisse absolutamente mais nada no ambiente em que o vídeo foi filmado além do que aparece na imagem da instalação.

Bill Lundberg (University of Texas, Austin, EUA) nos últimos 35 anos exibiu seus filmes e vídeo esculturas em inúmeras coletivas na América e na Europa. Entre suas individuais destacam-se as no Whitney Museum e P.S1 (Nova York), Contemporary Arts Museum (Houston), Carnegie Institute Museum of Art (Pittsburgh) e o Espaço Lyonais de Arte Contemporanea (Lyon, France). Suas obras integram importantes coleções, tais como: Museus Guggenheim (Nova York), Blanton (Texas) e a coleção da família Le Jeune (Brussels).
/ lundbergw@earthlink.net